

A COMPREENSÃO DA ESCRITA ALFABÉTICA POR CRIANÇAS SURDAS

Rosane Aparecida Favoreto da Silva¹

Eixo temático: 3. Alfabetização, diversidades e inclusão

Resumo: Este trabalho apresenta um estudo realizado em um contexto de educação bilíngue de surdos. Investigou-se a apropriação da escrita por crianças e adolescentes surdos, sinalizantes de Libras. A pesquisa se constitui como qualitativa, descritiva e exploratória a partir de um conjunto de procedimentos em torno a histórias infantis. Adotou-se como hipótese que os utilizam a língua portuguesa como uma segunda língua e que isso interfere no modo como se apropriam da escrita alfabética, mobilizando habilidades diferentes daquelas utilizadas pelas crianças ouvintes. Constatou-se que no início da escolarização as crianças surdas registram as palavras da mesma forma que as crianças ouvintes, diferenciando-se quando as ouvintes começam a estabelecer relações entre o som e a grafia, o que se caracteriza como o *ponto de virada* para a compreensão do mecanismo da escrita alfabética. Entre os resultados obtidos, destaca-se que a *alfabetização* e *letramento bilíngue* podem contribuir com o *ponto de virada* da criança surda, utilizando estratégias que envolvam a escrita de sinais, a escrita diferida e a escrita bilíngue. Constatou-se que as pistas visuais utilizadas pelas crianças surdas podem estar relacionadas à consciência visual, sendo tão fundamentais para apropriação da escrita por essas crianças quanto as rimas e aliterações podem ser para o desenvolvimento da escrita pela criança ouvinte.

Palavras-chaves: Educação de Surdos; Educação bilíngue de surdos; Alfabetização e letramento bilíngue; Língua Portuguesa escrita.

Introdução

No campo dos Estudos Surdos e da Linguística, pesquisadores como Karnopp (2014), Moura (2013), Quadros (2005), dentre outros, destacam que surdos sinalizantes utilizam duas línguas: a língua de sinais como primeira língua (L1) e a língua majoritária de seu país – na modalidade escrita – como segunda língua (L2),

¹Doutora em Educação pela FE USP. Professora da Educação de Surdos pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Contato: rofavoreto@alumni.usp.br

em uma condição permanente de bilinguismo/ multilinguismo. Em particular, no contexto escolar, os surdos brasileiros utilizam a língua brasileira de sinais (Libras) e a língua portuguesa, na modalidade escrita.

No bilinguismo de surdos, de acordo com Svartholm (2014), o termo ‘primeira língua’ não é utilizado conforme a ordem de aquisição da língua, mas para fazer referência à língua que desempenha um papel no desenvolvimento da criança – preenchendo as funções cognitivas, emocionais e sociais –, sendo adquirida nas trocas comunicativas com outras pessoas.

Antes do reconhecimento da Libras pela Lei Federal Nº 10.436/02 pesquisadores já refletiam sobre a escrita da língua portuguesa pelos surdos, assim como fez Gesueli (1998) em sua tese de doutoramento, que é uma referência na área. Entretanto, pouco se avançou em relação à solução das dificuldades relacionadas a alfabetização e letramento das pessoas surdas. Os trabalhos acadêmicos², realizados nos últimos dez anos, que tiveram como objeto a apropriação da língua portuguesa escrita pelos surdos, evidenciam – de um lado – a inquietação de pesquisadores e profissionais da área no que se refere às produções textuais, gerando questionamentos sobre métodos e estratégias a serem adotadas na construção da leitura e escrita de pessoas surdas, em conformidade com os apontamentos de Gesueli (2015) e Karnopp e Pereira (2015). Entretanto – de outro lado –, a maioria das pesquisas encontradas visavam ao ensino e às práticas docentes a partir do olhar de um professor ouvinte sobre as produções textuais dos alunos surdos, constatando-se a ausência de pesquisas que contemplassem a aprendizagem da escrita a partir de hipóteses construídas pelos próprios surdos.

Neste contexto, investigou-se a apropriação da escrita pelas crianças e adolescentes surdos, sinalizantes de Libras, que cursavam, respectivamente, a Educação Infantil, os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental. A pesquisa com as crianças faz parte de um trabalho de doutoramento (FAVORETO DA SILVA, 2020); e as investigações com os adolescentes tomam como ponto de partida as conclusões da tese em um esforço de ampliação dos resultados obtidos. Foram adotadas as terminologias e conceitos de *alfabetização* e *letramento* na perspectiva de Soares

² Busca realizada no Portal de Periódicos da Capes no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes utilizando as palavras-chave Surdez/Surdos, Língua Portuguesa e escrita, com filtro aplicado para o período de 2009 à 2018. Esta busca compõe parte da Tese de doutorado de Favoreto da Silva (2020).

(2020); entretanto, foram utilizadas as contribuições de Ferreiro e Teberosky (1999) considerando a sua vasta contribuição na área e a existência de pontos convergentes entre as pesquisadoras.

2 Fundamentação teórica

A maioria das crianças surdas ingressa na escola sem ter domínio de uma língua que possibilite uma comunicação efetiva, pois a família ouvinte geralmente desconhece a língua de sinais. Esta situação interfere na apropriação da língua portuguesa escrita pelas crianças surdas. De acordo com Moura (2013, p. 17), a aquisição da Libras pelas crianças surdas é essencial para a apropriação da língua portuguesa escrita (L2), pois “(...) a Libras, como uma primeira língua completamente adquirida lhe forneceria a base para poder aprender a sua segunda língua: a Língua Portuguesa, seja na modalidade oral, seja na modalidade escrita”. Gesueli (1998) aponta em sua pesquisa que é por meio da língua de sinais que as crianças buscam ler e interpretar o português escrito, partindo dos sinais para chegar à escrita.

A língua escrita é uma invenção cultural e um sistema de representação da fala baseado na estrutura fonológica da língua oral. Portanto, quando a criança surda inicia o processo de apropriação da escrita, precisa não apenas aprender uma modalidade de língua escrita, mas aprender um código novo, que é uma segunda língua, ao qual ela não foi anteriormente exposta, ou foi exposta precariamente. Desta forma evidencia-se que crianças surdas mobilizam habilidades diferentes daquelas utilizadas pelos ouvintes; por exemplo, a correspondência entre a pauta sonora e a escrita, essencial para as crianças ouvintes (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999), não é utilizada por crianças surdas (ou é usada precariamente no caso de resíduos auditivos e implantes). Esse domínio da relação entre o sonoro e o escrito tem sido descrito como *consciência fonológica* – Capovilla, (2000); Moraes, (2012). Desta forma, como os surdos podem compreender o sistema de escrita sem o uso da *consciência fonológica*?

Em situações de apropriação da escrita por crianças ouvintes é comum que professores realizem atividades envolvendo o uso de parlendas, rimas, cantigas e poesias de tradição popular, geralmente já conhecidas pelas crianças, caracterizando

o uso de um conhecimento prévio que não teria significados para as pessoas surdas, pois colocam em evidência aspectos orais e auditivos.

Quando as crianças ouvintes escrevem, os objetos referidos estão presentes na linguagem (ainda que ausentes materialmente); implicando algum grau de consciência sobre como a fala representa tais objetos. Para os surdos, entretanto, é comum que a representação escrita não se configure como a *língua do pensamento*.

Diante do exposto, entre os principais fatores que interferem no processo de escrita dos surdos está o fato de que a língua portuguesa apresenta uma estrutura morfossintática distinta da Libras, que é a segunda língua das pessoas surdas que usam a Libras e, destacando, que a língua portuguesa *não* é a língua que viabiliza a organização e desenvolvimento dos processos do pensamento dos surdos, lugar ocupado pela língua de sinais.

3 Metodologia

O estudo apresentado neste trabalho está dividido em duas partes, sendo que a primeira faz parte de um doutoramento (FAVORETO DA SILVA, 2020) e teve como colaboradores crianças surdas, na faixa etária de 3 à 12 anos que cursavam a Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental em uma escola de surdos do município de Paranaguá – PR; e a segunda faz parte de uma investigação a partir dos resultados da pesquisa de doutorado, tendo sido realizada com adolescentes entre 15 e 17 anos, que cursavam os anos finais do Ensino fundamental, em uma escola do município de Curitiba. A Libras foi a língua utilizada para a comunicação entre a pesquisadora e os colaboradores.

Para a realização da investigação foi criado um conjunto de procedimentos para captar os dizeres dos colaboradores sobre a escrita: um roteiro com atividades a serem realizadas, envolvendo a contação de histórias, a escrita de palavras/ textos e histórias a completar.

Na primeira parte, o roteiro foi elaborado a partir de uma adaptação do livro *Viviana, a Rainha do Pijama*, de autoria de Steve Webb e as atividades foram realizadas presencialmente. Na segunda parte, com os colaboradores adolescentes, utilizou-se o livro *Você Troca?*, de autoria de Eva Furnari, e as atividades foram

realizadas remotamente (devido à pandemia), por meio da ferramenta tecnológica *Google Meet*.

Foram cumpridos os requisitos de determinações que instituem e normatizam a ética na pesquisa com seres humanos, havendo o consentimento dos responsáveis legais e o assentimento dos colaboradores.

4 Resultados e Discussão

Na primeira parte - (FAVORETO DA SILVA, 2020) - constatou-se que as crianças surdas, no início da apropriação da escrita, registraram suas produções da mesma forma que as crianças ouvintes, criando hipóteses e refletindo sobre a escrita, utilizando as seguintes estratégias:

- Escrita primitiva e imitativa, de forma que o ato de escrever se apresentava dissociado do objeto.
- Registros pictográficos realizados de forma autocontida e instrumental;
- Registros utilizando aleatoriamente várias letras do alfabeto, em caixa alta, sem fazer uso das propriedades do sistema de escrita alfabética.
- Registros usando letras combinadas com números conhecidos.
- Escrita de palavras utilizando as letras do próprio nome, fazendo variações internas e combinações diferentes.
- Registros usando palavras estáveis.

Entretanto, essas formas de escrever passaram a se diferenciar em relação às crianças surdas, quando as ouvintes começaram a fazer a relação do som com a grafia (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999) e a fazer uso da escrita instrumental (VYGOTSKY, 1984). Isso ocorre quando a criança começa a entender o mecanismo da escrita e registra o objeto denotado, caracterizando-se como o *ponto de virada* para a compreensão do sistema de escrita alfabética pelas crianças ouvintes; mas, não para a criança surda (pois ela não faz a correspondência da fala com a grafia).

Desta forma, considerou-se fundamental problematizar como se efetivaria um *ponto de virada* para o entendimento do mecanismo e da lógica do sistema de escrita alfabética pelas crianças surdas. Entre os resultados obtidos, evidenciou-se que a *alfabetização e letramento bilíngue* podem contribuir com o *ponto de virada* da criança surda, a partir de estratégias que contemplem: a) *Escrita de sinais*: a criança relaciona

os registros em escrita de sinais à Libras, produzindo significado e atestando que as palavras poderiam ser registradas na sua língua, ampliando as possibilidades de apropriação da língua portuguesa escrita. b) *Escrita diferida*: o uso da escrita diferida, a partir do conceito de *textualidade diferida* (PELUSO, 2018), com a utilização de recursos em vídeo e registros de narrativas sinalizadas. c) *Escrita bilíngue*: produções envolvendo aspectos interlinguísticos e intermodais da escrita da pessoa surda (BROCHADO, 2003), em uma perspectiva de segunda língua.

Destaca-se que o aspecto visual é um fator fundamental para a aprendizagem por pessoas surdas, pois o caminho percorrido por elas para a apropriação da língua portuguesa escrita não é centrado na relação da escrita com a oralidade. Neste contexto, verificou-se que as crianças surdas utilizam *pistas visuais* para a escrita, como o uso de palavras que já conhecem, que contêm letras em comum com o objeto a ser denotado e/ ou o registro de pseudo-palavras (PEREIRA, 2015). Por exemplo, um dos colaboradores sabia registrar alguns nomes de animais, mas tinha dúvidas sobre como escrever outros, utilizando as pistas visuais da grafia das palavras, conforme Figura 1. As suas tentativas estão relacionadas à visualidade das palavras, em concordância com o conceito de *consciência visual* (OLIVEIRA, 2009).

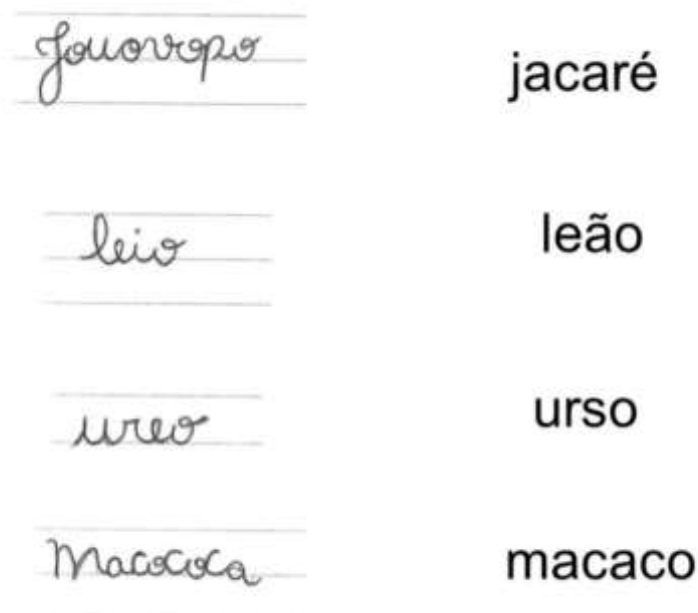


Figura 01 – Produções da criança surda contendo pistas visuais.
Fonte: Favoreto da Silva (2020).

A partir de tais resultados, buscou-se investigar a apropriação da língua portuguesa escrita, por adolescentes que cursavam os anos finais do Ensino Fundamental, utilizando pistas visuais. Tendo em vista que o texto deve ser o eixo central do processo de alfabetização (SOARES, 2020), utilizando o livro *Você troca?* foram realizadas algumas atividades envolvendo pistas visuais na composição da palavra, solicitando aos alunos que fizessem inferências e contassem sobre as suas percepções.

Após a leitura do livro, conforme as pistas visuais iam sendo apresentadas, a reação dos alunos era de surpresa, como se tivessem descoberto algo novo, e imediatamente começavam a sinalizar as palavras por meio do alfabeto manual, fazendo a datilologia. No caso das crianças ouvintes, no início da apropriação da escrita, de acordo com Soares (2020), são necessárias atividades que desenvolvam a capacidade de voltar a atenção para os sons das palavras e não para os significados, como aquelas contendo rimas e aliterações, para que a criança possa adquirir a consciência fonológica. No que se refere à criança surda, neste trabalho, parte-se do pressuposto que essas atividades devem focar o aspecto visual da palavra, na direção de uma consciência visual.

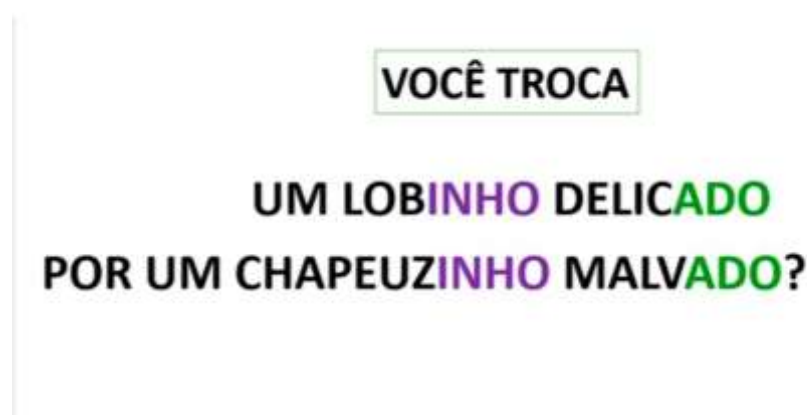


Figura: 02 – Parte do texto do livro *Você Troca?* com pistas visuais.
Fonte: A autora.

Neste momento da atividade, no livro, os colaboradores identificaram as palavras que eram compostas pelo sufixo *inho*, como: *patinho*, *ratinho*, *passarinho*, *lobinho* e *chapeuzinho*. Quando os colaboradores compreendiam o significado das palavras e o que representava o sufixo, com entusiasmo, comentavam como essas

palavras se formavam. Posteriormente, foi apresentado outro livro aos alunos - Chá das Dez, de autoria de Celso Sisto - para dar continuidade às atividades com os sufixos *inho* e *inha*, por meio das pistas visuais, ampliando os conceitos e conteúdos trabalhados com a língua portuguesa.

Constatou-se que as pistas visuais são tão importantes para apropriação da escrita pelos surdos, como são as rimas e aliterações para o desenvolvimento da escrita pela criança ouvinte. A escrita é uma representação visual e essa visualidade deve se caracterizar com destaque na compreensão do português escrito pelas pessoas surdas.

5 Considerações Finais

Sendo a Libras a língua do pensamento dos colaboradores, foi por meio dela que contaram coisas, fizeram perguntas, formularam hipóteses e mostraram ter conhecimento em relação a conceitos, fazendo uso deles no cotidiano. Evidenciou-se, portanto, que os aspectos específicos da língua de sinais devem ser levados em conta no ensino do português escrito.

Ao investigar sobre a apropriação da escrita portuguesa pelas crianças surdas, considera-se fundamental perceber que a alfabetização e letramento de surdos ocorrem em bases diferentes das utilizadas no ensino da língua escrita para os ouvintes. Essas diferenças ocorrem porque as crianças surdas aprendem a partir de experiências fundamentadas em um pressuposto bilíngue e visual.

Na educação de surdos é necessário contemplar as suas singularidades linguísticas e culturais, distanciando-se da mera adaptação de práticas para ouvintes, e investindo em práticas que envolvam o letramento visual (LEBEDEFF, 2017) para a aprendizagem de uma segunda língua e de uma outra modalidade linguística.

Diante do exposto, a alfabetização e letramento bilíngue podem contribuir para a compreensão do funcionamento do sistema de escrita alfabética pelas crianças surdas, com o uso de estratégias que envolvam a escrita de sinais, a escrita diferida e a escrita bilíngue. Nesta investigação ficou evidenciada a importância da mediação do professor para ampliar as possibilidades para que as crianças surdas percebam as pistas visuais da grafia da palavra, façam a leitura de imagens e criem hipóteses sobre

a escrita, tendo em vista que as pistas visuais utilizadas por elas no momento da escrita podem estar relacionadas à consciência visual.

Referências

BROCHADO, S. M. D. **A apropriação da escrita por crianças surdas usuárias da Língua de Sinais Brasileira**. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Assis, SP, 2003.

CAPOVILLA, A. G. S. **Leitura, escrita e consciência fonológica: desenvolvimento, intercorrelações e intervenções**. Tese (Doutorado em Psicologia) 2000 - Programa de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2000.

FAVORETO DA SILVA, Rosane Aparecida. **Experiências de crianças surdas com a palavra escrita**. 2020. 412 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

GESUELI, Z. M. **A criança surda e o conhecimento construído na interlocução em língua de sinais**. Tese (Doutorado em Educação) 1998 -, Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Educação, Campinas, SP, 1998.

GESUELI, Z. M. A escrita como fenômeno visual nas práticas discursivas de alunos surdos. In: LODI, A. C. B.; MELO, A. D. B. de; FERNANDES, E. **Letramento, bilinguismo e educação de surdos**. 2ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2015, p. 173-186.

KARNOPP, L. B. Língua de sinais e língua portuguesa: em busca de um diálogo. LODI, A. C. B. et al (Orgs.). **Letramento e minorias**. 7ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

KARNOPP, L.B.; PEREIRA, M. C da C. Concepções de leitura e de escrita e educação de surdos. In: LODI, A. C. B.; MELO, A. D. B. de; FERNANDES, E. **Letramento, bilinguismo e educação de surdos**. 2ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2015, p. 125-134.

LEBEDEFF, T. B. O povo do olho: uma discussão sobre a experiência visual e surdez. In: LEBEDEFF, T. B. (Org.). **Letramento visual e surdez**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017, p. 226-251.

MORAIS, A.G de. **Sistema de Escrita Alfabética**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

MOURA, M.C. de. Surdez e linguagem. In: LACERDA, C. B. F. de; SANTOS, L. F

dos.(Orgs) **Tenho um aluno surdo, e agora?** Introdução à Libras e à educação de surdos. São Carlos: EduFSCar, 2013.

OLIVEIRA, T. C. B. C. de. **A escrita do aluno surdo:** interface entre a Libras e a Língua Portuguesa. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, BA, 2009.

PELUSO, L. Los sordos, sus lenguas y su textualidad diferida. **Traslaciones – Revista Latinoamericana de lectura y escritura**, Mendoza, vol. 5, n. 9, julio, 2018, p. 40-61.

PEREIRA, M. C. da C. Reflexões sobre a aquisição da escrita da língua portuguesa por criança surda usuária da Língua Brasileira de Sinais. In: **Revista Espaço**, INES, Rio de Janeiro, nº 43, jan-jun 2015.

QUADROS, R. M. de. O “bi” em bilinguismo na educação de surdos. In: FERNANDES, E. (org.). **Surdez e bilinguismo**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

SOARES, M. **Alfabetrar:** toda criança pode aprender a ler e a escrever. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2020.

SVARTHOLM. K. 35 anos de Educação Bilíngue de surdos – e então? In: **Educar em Revista**. Ed. Esp. Curitiba: Editora UFPR, n. 2, p. 33-50, 2014.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Tradução José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1984.